

LIVROS RECENTES E DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Comentário Crítico pelo Editor

Soumission

Michel Houellebecq

Flammarion, 7 janeiro 2015, 320pp.

Muçulmanos e Extrema-Direita na Europa: A Crise da Linguagem Pública da Democracia

O romance de ficção política de Michel Houellebecq, uma sátira distópica e futurista que se passa na sequência da eleição presidencial de 2022, conduzindo à eleição do candidato da Irmandade Muçulmana, foi publicado na França, no mesmo dia do massacre terrorista, na sede do jornal satírico Charlie Hebdo, no final da manhã de 7 de Janeiro último, matando 11 pessoas, a maior parte cartonistas e colunistas do jornal. Ironicamente, o próprio Houellebecq, por causa do livro, aparece satirizado na capa do número semanal da revista publicado naquela mesma quarta-feira também. Diversos críticos liberais de esquerda consideraram o livro racista, sexista e escandalosamente islamofóbico. Para outros, a coincidência de o livro ter saído no dia do atentado em Paris, levado a cabo por jovens muçulmanos já nascidos na França com ligações aos radicais do ISIS, no Médio Oriente, e sob a alegação de vingar o uso satírico da imagem de Maomé pelos cartonistas do Charlie Hebdo, é a expressão de que a ficção de um futuro disfuncional, onde a sociedade e democracia ocidental se

submetem ao avanço islamista já é a realidade do presente francês e europeu.

O personagem principal do romance e narrador da história, François, é um professor de literatura francesa da Sorbonne, de quarenta e quatro anos, especialista na obra do escritor Joris-Karl Huysmans, um autor do movimento decadentista, uma fase de transição entre o romantismo e o modernismo, na arte e literatura europeia do final do século 19. Oscar Wilde é considerado um autor decadentista, o que demonstra que os decadentistas nada tinham de ‘decadentes’. A expressão significa que estes artistas e escritores consideravam-se ‘caídos’ da era do romantismo, seguindo perspectivas estéticas e modos de pensar que eram tendencialmente modernistas, mas não tinham ainda dado o salto para o modernismo. Neste sentido, os decadentistas refletiam algo de uma ideia de pós-lapsário, a expressão que designa a queda de Adão e Eva do paraíso no abismo do mundo. Os decadentistas eram pós-lapsários do romantismo perdido, mas não eram decadentes.

Em contraste, François é literalmente um intelectual decadente, desiludido com tudo, ateu, sem interesse na política e, em particular, desmotivado em relação à sua vida como professor, dedicando-se a uma concupiscente vida sexual, detalhadamente descrita no livro, juntamente com as lascívia do álcool e da boa comida. A sua decadência privada reflete a decadência pública a que o sistema político francês chegou, na distopia imaginada por Houellebecq. Na perspectiva de a candidata da Frente Nacional de extrema-direita, representada pela figura real de Marine Le Pen, ser eleita, na segunda volta, como presidente da França, os socialistas apoiaram o candidato da Irmandade Muçulmana que acabou por ser eleito. Além disso, os socialistas, apoiaram para Primeiro Ministro um político católico de um partido de centro-direita que, na verdade, era também contrário, tal como a Irmandade Muçulmana, ao secularismo da República Francesa.

Uma vez no poder, o governo islamista começou a visar, em particular, dois setores da sociedade francesa, as mulheres e a universidade. As mulheres passaram a usar véu ou burca nas ruas, eram incentivadas a abandonarem a força de trabalho, para dar emprego aos homens, e a poligamia foi legalizada. Por outro lado, com a nova vaga de islamização da universidade francesa, os professores eram incentivados a se converterem ao Islão, ou então irem para a reforma. O dinheiro saudita e de outros países do Golfo passou a fluir em grande quantidade para financiar reformas elevadas e compensar suntuosamente os académicos que resolvessem encaixar na nova situação. François foi um daqueles que acabaria por se converter.

Inicialmente, porém, ele aceitou a reforma e foi passar algum tempo no interior

da França, num santuário católico, copiando os passos do Huysmans que abandonou Paris, quando deixou o ateísmo para se converter ao catolicismo, mudando-se para uma pequena cidade, onde se tornou oblato do mosteiro beneditino local. Mas François não aguenta muito tempo e regressa a Paris, onde o novo reitor da antiga Sorbonne, agora uma universidade islâmica, um académico francês convertido ao Islão, o convence a voltar ao cargo e converter-se também. Mas, ao contrário de Huysmans, cuja conversão ao catolicismo foi uma profissão de fé religiosa, a conversão de François nada teve a ver com religião. Ele apenas passou a dançar conforme a música, por puro senso de oportunidade do seu decadente hedonismo, e passou mesmo a ver a poligamia como uma solução confortável para o declínio da sua vida sexual.

O cinismo de uma conversão sem fé ao Islão é simbolicamente crucial neste livro e podemos dizer que tem, na vida real, uma contrapartida na figura de Roger Garaudy, o intelectual marxista francês que foi um dos principais arautos da negação do Holocausto, convertendo-se, em 1982, à religião muçulmana. Ao longo dos anos, até falecer em 2013, Garaudy foi sucesivamente aclamado e premiado tanto por regimes conservadores do Golfo, como pelo governo do Irão e grupos radicais do Médio Oriente. Mas os muçulmanos que o aplaudiam, por oportunismo político, endossavam, indiretamente, o impropério que Garaudy cometeu contra a religião deles, porque a conversão de Garaudy é melhor compreendida como uma brutal expressão de escárnio, ou seja, para ele não havia nada de pior para atirar à cara do público ocidental do que tornar-se muçulmano. Noutros tempos, a pior coisa que se podia fazer, nesse sentido, era converter-se ao comunismo, mas ser comunista tinha, já naquela altura, perdido o poder subversivo para velhos de esquerda que queriam posar de *enfant terrible*.

Na História Universal da Infâmia¹, de 1935, Jorge Luis Borges procurou ficcionalizar, num conjunto de contos breves, as histórias reais de criminosos, vilões e aventureiros do passado, onde, de alguma forma, todos têm um traço em comum: o sucesso da vilania depende do cinismo em esconder o próprio vazio em que se baseia todo o engano, o cinismo de que por detrás da cortina não existe nada, o cinismo do cenotáfio, de que ninguém está enterrado no túmulo da história humana. Este vazio de que é feito o cinismo e sem o qual não existe infâmia, é fundamentalmente uma crise de linguagem. Houellebecq desenhó uma história do futuro da crise da linguagem da democracia que caracteriza o momento atual e de que a questão muçul-

¹ Jorge Luis Borges. Obras Completas. Volume I 1923-1949, pp.311-379. São Paulo: Editora Globo, 1998.

mana, na empobrecida arena política de hoje, se tornou a expressão por excelência.

Somente depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001 é que a esquerda e a mídia liberais descobriram os muçulmanos. Primeiro, a questão, neste terreno, eram os palestinianos e objetivamente referida ao criticismo contra Israel. O tema muçulmano passou ao primeiro plano da agenda progressista, porque emergiu como tema principal para setores da opinião pública apelidados de conservadores, ou, pelo menos, com pouca sensibilidade para o apelo progressista, que consideram que a violência jihadista é sancionada pela religião muçulmana e que as comunidades muçulmanas, no Ocidente, por detrás da retórica contra o terrorismo, apoiam visões extremistas, detestam o Ocidente e preservam, no seu interior, uma cultura de abuso, contra a mulher em particular, inteiramente contrária ao estilo de vida numa sociedade democrática.

A crítica progressista, porém, opõe-se violentamente a este discurso que considera uma combinação de racismo e divisismo, contrários ao avanço de uma sociedade mais diversa e multicultural. Segundo esta opinião, as generalizações são, em si próprias, uma séria marca de tradição autoritária, procurando estigmatizar uma comunidade inteira e uma cultura inteira, por causa das ações de uma minoria marginal, além de invisibilizar os muçulmanos modernos e esclarecidos. O véu feminino, que é a referência, por excelência, para convicções populares acerca da submissão da mulher na sociedade muçulmana, passou a ser descrito como um símbolo de respeito pela diferença, inclusive por algumas feministas, porque o véu é ‘escolha delas’ ou, de qualquer forma, é um traço cultural que não pode ser reprimido, ou ainda que não se soluciona intolerância com intolerância.

Neste sentido, um dos primeiros livros da esquerda académica acerca do 11 de Setembro foi *Welcome to the Desert of the Real*, de Slavoj Žižek, que apresenta, em particular, a ideia de que o espetáculo de destruição das Torres Gémeas, em Nova Iorque, e de parte do edifício do Pentágono, em Washington, permitiu aos ocidentais ter uma visão, no seu próprio mundo, da destruição e da violência que os seus países têm produzido, ao longo do mundo, através do colonialismo e do neocolonialismo disfarçado². O público ocidental, segundo esta perspectiva, está habituado a viver no deserto do real, no sentido de virtualizar o sofrimento e a violência como uma realidade do terceiro mundo que só se vê na televisão. Mas agora o real caiu-lhes literalmente em cima, com o terrorismo muçulmano, e vivem um novo deserto do real, no sentido do esvaziamento de um senso de falsa consciência da realidade. Este tipo de

2 Slavoj Žižek, *Welcome to the Desert of the Real*. Verso, 2002.

visão ganhou força com a guerra do Iraque e o criticismo da política externa da administração George W. Bush, conforme o extremismo islâmico tende a ser colocado num contexto mais vasto da violência criada pelos interesses do poder ocidental. De igual modo, determinados setores feministas recusam mesmo condenar diretamente o abuso contra a mulher nas comunidades de emigrantes muçulmanos no Ocidente, porque consideram que o problema geral é o patriarcado e que a condenação do abuso contra a mulher muçulmana, na sua própria cultura, ou ataques perpetrados por muçulmanos sobre mulheres não-muçulmanas, apenas serve o objetivo conservador de encobrir a perpetuação sexista e patriarcal nas próprias sociedades ocidentais.

Para esta visão culturalista e relativista, a medida de uma atitude democrática e civilizada passou a ser abster-se de criticar a religião e modo de vida muçulmano, para não receber acusações de racismo, filistinismo e islamofobia. Repare-se que não é a cultura muçulmana que é primitiva e regressiva; primitivo e regressivo é sancionar, sob a capa progressista, o poder arcaico da cultura do silêncio que, em qualquer contexto ou forma cultural, constitui o principal adversário da democracia, porque lança uma censura moralista sobre a capacidade de pensar e a liberdade de falar sobre certas coisas e, de igual modo, é conivente com a violência que não pode ser nomeada.

O facto de o poder islamista, na França imaginada da Irmandade Muçulmana de 2022, visar as mulheres e a universidade é, em si próprio, uma expressão de que mulheres silenciadas e intelectuais que não têm nada a dizer são mecanismos fundamentais de uma cultura do silêncio. No caso da universidade, trata-se de uma sátira do retrocesso da responsabilidade política da crítica, de modo que François é a personificação da morte do ‘intelectual público’ que deixou de ser um logotheta, uma expressão que Roland Barthes resgatou, com o sentido de ‘criador de linguagem’, no seu estudo acerca, simultaneamente, de um pornógrafo, o Marquês de Sade, um matemático, Joseph Fourier, e um santo, Inácio de Loyola, que, ao abrirem novos campos da realidade tiveram também que inventar novas linguagens públicas para o mundo³. Por outro lado, remover as mulheres da esfera pública simboliza o esvaziamento da própria arena democrática e seu compromisso com a realidade do real. A supressão do feminino reduz a mulher a abstrações, porque, em vez de se representar a si própria é representada por homens e, em vez de ser ela própria, serve como objetificação dos fetichismos da força, respeitabilidade e desejo masculino.

Na França futurista de Houellebecq, a islamização da sociedade é recebida com

³ Roland Barthes, Sade, Fourier, Loyola. Editions du Seuil, 1971.

uma passiva resignação. O catolicismo virtualmente desapareceu e as próprias fronteiras geográficas e culturais da Europa, em relação ao Norte de África e o Médio Oriente muçulmanos, esvanecem, porque o presidente islamista francês convida a Turquia, Marrocos, Tunísia, Egito e Líbano para a União Europeia. Na França do silêncio e da resignação pós-2022, ninguém sente mais horror de nada. Por isso, a sátira de Houellebecqne não é acerca da submissão ao Islão, mas acerca de conversões sem fé. O conservadorismo muçulmano, incluindo os zelotas moderados, é reacionário como a Frente Nacional, mas, curiosamente, a esquerda liberal patrocina imagens invertidas desta realidade, conforme o escárnio de Garaudy que, nos anos 1980, foi chocante e provocativo, hoje é a norma. Isto torna-se simbolicamente manifesto quando se observa que a ficção do controle islamista do poder na França, que é também uma metonímia para Europa, começou por ser o produto de uma aliança entre conservadores muçulmanos e conservadores católicos apadrinhados por socialistas que, por horror aos primitivos da Frente Nacional, acabaram por se submeter ao primitivismo que pretendiam suplantar.